

**Palavras-chave:** Monumentalidade; Urbanismo; Antiguidade; Fontes; Paisagem

**Key words:** Monumentality; Urbanism; Antiquity; Sources; Landscape

### ABSTRACT

*The Roman foundation was a preview of the actual urban contour of Évora, even if the old traceable remains are reduced to few but significant examples, as is the Temple, parts of the Wall system, the Roman house of the 1st. Century and the Baths, in addition to a number of sculptural works recently recovered. Still, the main legacy is aesthetical and can be seen in the street outline and in the dynamics of urban expansion, which came to define the peculiar shape of the historical outcome of the city's development, notably reflected in the way that the 17th. Century wall reproduced the circular design of the first known fortification. Thus, the monumental legacy of Roman Évora, being a valuable testimony of the past, is also a sign of memory, as what concerns the fundamental first creative motion which defined an enduring physical intervention in the surrounding space.*

### RESUMO

A fundação romana determinou o perfil urbano de Évora, ainda que, do conjunto de vestígios antigos assinaláveis, os mesmos se reportem a exemplos dispersos pelo núcleo urbano, destacando-se o Templo, os restos do sistema de muralhas, uma *domus* do séc. I e as Termas, além de algumas peças escultóricas recolhidas recentemente. No entanto, a principal herança antiga é de carácter estético e visual, subsistindo na própria configuração das ruas, bem como na distribuição de zonas e linhas dinâmicas de expansão, que vieram particularizar o aspecto físico do crescimento histórico da cidade, reflectindo-se, até, no modo como as muralhas do séc. XVII, prolongaram e reproduziram o desenho circundante da primeira fortificação conhecida de Évora.

É neste sentido que os vestígios monumentais, testemunho do passado, se tornam igualmente sinal de memória, quanto a um gesto criativo inicial que moldou a intervenção no espaço.

## ÉVORA ROMANA: O legado edificado e a memória antiga

Manuel F.S. Patrocínio\*

Ainda que em contraste com o modo como determinadas estruturas não conseguiram conservar a sua integridade, os vestígios romanos são, para já, abundantes na circunscrição territorial que, na Antiguidade, teve o seu centro no lugar onde cresceu Évora. *Ebora Liberalitas Iulia*, tal como a vizinha *Pax Iulia* (Beja), em cujo *conuentus* estava, de resto, integrada, ou a não muito distante *Olisipo Felicitas Iulia* (Lisboa), foi capital de uma das regiões administrativas da Lusitânia, que, então, tomavam o nome de *ciuitas*, desde logo assegurando assim a sua distinção particular. Enquanto algumas urbes possuíam estatuto de *coloniae*, como *Pax Iulia*, por ser a sede de *conuentus*, a outras reservava-se a qualidade de *municipia*: caso de *Olisipo*, que estava no *conuentus* escalabitano, e, também, de *Ebora*, ou, ainda, *Ossonoba*.

*Ebora*, como *Olisipo*, conservaria na toponímia o eventual testemunho das suas origens pré-romanas; para *Ebora*, tal persistência interpretou-se como vestígio de primeira fundação celticizante, ao passo que *Olisipo* (bem como *Ossonoba*) parecem antes perpetuar a evocação da presença oriental. Por outro lado, assegurou-se, com os epítetos de *Liberalitas* e, sobretudo, como *Ebora Iulia*, a própria recordação das campanhas de Júlio César, tal como teria sido a homenagem consagrada em tempo de Augusto<sup>1</sup>.

Na Antiguidade romana, a cidade correspondia a uma importante realidade social e cultural, reflectindo também, na proporcional medida em que era importante a sua implementação física, valores enraizados no âmbito consolidado do Classicismo. O nome, aqui referindo-se obviamente à homenagem

---

\* Professor Auxiliar, Departamento de História e Centro de História da Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora, Portugal. mfsp@uevora.pt

1 Cf. Alarcão 1986, 78-79; Maciel 1995, 79-80. A respeito das antigas cidades da Lusitânia romana, cf. ainda outras descrições sucintas in: Alarcão 1988, 143-144 (para *Ebora*) e pps. 188-189 (para *Ossonoba*). Cf. igualmente, Alarcão 2005, 7-9; e Lopes 2005, 11-19. Ver também, quanto à resenha da descrição em fontes clássicas: Patrocínio 2006a, 6-ss.

prestada a Júlio César, evocava um recente momento de conquista que era, afinal, a entrada do sul no mundo romano. A própria *cidade* adquiria estatuto de *monumentum*: manifestação de importante gesto, que se testemunharia igualmente nas formas de edificação. Aproximamo-nos, portanto, do conceito de cidade enquanto espaço universal de memórias e de que a *architectura* fornece expressividade<sup>2</sup>.

Em finais do séc. XVIII, vem a Évora o eclesiástico espanhol D. Francisco Pérez Bayer y Bénicassim (1711-1794), interessado pelos temas do Classicismo e Orientalismo, além de ter sido Bibliotecário real e Perceptor dos Infantes de Espanha. A sua viagem decorre em Novembro de 1782, e, recém-saído de Beja onde encontrou o seu amigo, então ainda Bispo, D. Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), dedica-se, em Évora, a olhar e a registar as «antiguidades»: epígrafes latinas, o templo ainda imerso na torre gótica do Açougue, mas apontando haver à vista «*algumas colunas com sus capiteles corintios mui suntuosas*», e o célebre friso de bucrânios, actualmente no Museu de Évora<sup>3</sup>.

Crê-se ter sido este friso parte de uma edificação original, que, em ciclo talvez dórico, precedeu a estrutura de templo que ainda subsiste no presente; correspondeu o friso a uma das primeiras descobertas arqueológicas monumentais que, durante o Renascimento, e por via do célebre protagonismo no resgate de antiguidades que coube a André de Resende, vieram a assinalar a recuperação da memória romana eborense. Em finais de Setecentos, o friso ainda se poderia contemplar na fonte da Praça do Giraldo<sup>4</sup>.

D. Pérez Bayer, embora mais interessado na epígrafe que encimava a fonte, descreve a obra, porém, no seu diário. Dizia que era, então, um «*friso antiguo en que hai bucranios y platos de relieve en la forma que solia usarse en la arquitectura de los Romanos*»; acrescenta, «*no seria fuera de razón pensar que hubiese este friso sido del antiguo Templo*»<sup>5</sup>.

---

2 Para o conceito clássico de *monumentum* e suas sequências, ver: Choay 1999, 14-15. O sentido de *monumentalidade* da cidade está, de resto, implícito nos propósitos que Vitruvius apresenta, quando, no seu tratado *De architectura*, trata da necessidade de fundação e embelezamento construtivo das urbes (Livro I, cap. IV-ss), dos seus templos (Livros III-IV) ou restantes estruturas públicas (Livro V).

3 Vasconcelos 1920, 119-127 e 130-133. O diário de Pérez Bayer, transcrito e editado por José Leite de Vasconcelos, constituiu um dos primeiros registos modernos, na senda que levou depois, no séc. XIX, determinados estudiosos a encetar o estudo do património antigo de Évora. Cf. também: Patrocínio 2000, 265-ss.

4 Vasconcelos 1920, 133. Cf. igualmente, para o friso: Alarcão 1986, 90; Nogales Basarrate e Gonçalves 2005, 34-35; ou a notícia de catálogo, in Aavv 2005, 60-61.

5 Vasconcelos 1920, 139.

Tem sido trabalhoso, desde então, o resgate como a interpretação de vestígios propriamente datáveis de época imperial no perímetro do designado centro histórico eborense. O templo, associado à imagética local, foi resgatado e recuperado, em finais do séc. XIX, à sua condição de ruína parcialmente oculta sob edificação gótica. Sinal, enfim, das transformações que contribuíram para uma contínua modificação nas edificações do centro histórico, em forte ímpeto e dinâmicas de ocupação. Por recentes campanhas, no entanto, perspectivou-se o delineamento da própria matriz de ocupação antiga.

Desde logo, perspectivam-se as origens pré-romanas. Para *Ebora Liberalitas*, ainda que os níveis de ocupação pré-romana se mantenham ignorados, pela extrapolação de conclusões aferíveis do que se sabe de outros lugares, é de presumível a sua evidência. Caso de *Pax Iulia*, que, por muito tempo, se julgou ter sido uma criação nova romana, mas onde se identificaram recentemente materiais de fase anterior: Com efeito, o ponto alto de Évora é um cume de monte, talvez originalmente um esporão natural no lado virado a nascente, dotado das potencialidades que caracterizavam os antigos modos de ocupação castreja. Situa-se aí o castelejo, ou o *Castelo Velho*, depois ocupado pelo velho Convento de S. João Evangelista (actual Pousada dos Lóios e ainda descrito por D. Pérez Bayer), e pelos palácios tardo-góticos dos Duques de Cadaval e Paço de S. Miguel, de cujas galerias se observa uma panorâmica imponente sobre o horizonte<sup>6</sup>.

Vitrúvio, no seu tratado *De architectura*, o qual, de resto, serve como documento referencial para as grandes realizações que, no período de Augusto, se transformam no próprio decoro do Império num código visual e monumental comum, não deixava de indicar, quanto à topografia, que as próprias cidades romanas deveriam continuar a ocupar lugares «*altos*», e, além do mais, livres da incidência de geada ou neblinas. Quanto à fundação das fortificações, elemento necessário, para defesa como para a imponência da urbe, uma vez encontrado o «*chão firme*», deveria definir-se o seu alinhamento por uma adequação ao declive proporcionado pelas escarpas (VITRÚVIO, I, V).

Enquanto manifestação da necessária sensibilidade perante o espaço, é fundamental este aspecto de uma cidade que se equilibra em relação ao mundo físico que a rodeia, em que há a atender aos princípios da natureza, e

---

6 Para a recapitulação das origens pré-romanas de *Ebora*, ver Alarcão 1986, 76. Para a área do *Castelo Velho*, sendo que a mesma área terá sido derrubada em finais do séc. XIV para a edificação dos citados palácios, cf. Balesteros e Mira 1994, 10, 16-17.

em que a sua respectiva implantação, quase centrífuga, faz com que um *oppidum* que se protege atrás de uma linha de muralhas não seja necessariamente um lugar que se oculte ou isole contra a sua respectiva envolvente. É na perspectiva de equilíbrio com a paisagem e na interligação com o território, que melhor se percebe a implementação da cidade romana de *Ebora Liberalitas*<sup>7</sup>.

Recapitulando-se os preceitos vitruvianos para a fundação das urbes, dividem-se, para já, as cidades estabelecidas junto ao mar das que se estabeleceriam em regiões interiores; caso de *Ebora*. Comum, era a necessidade de escolher um lugar que fosse salubre, distante de sapais e pântanos, resguardado dos piores ventos, e onde se evitasse o efeito de demasiado calor, nefasto aos organismos; porém que fosse sempre um sítio próximo a rios e fontes de abastecimento de boas águas. Depois, haveria a fincar os alicerces das edificações em «*chão firme*» para a respectiva solidez das fortificações (cf. VITRÚVIO, I, IV).

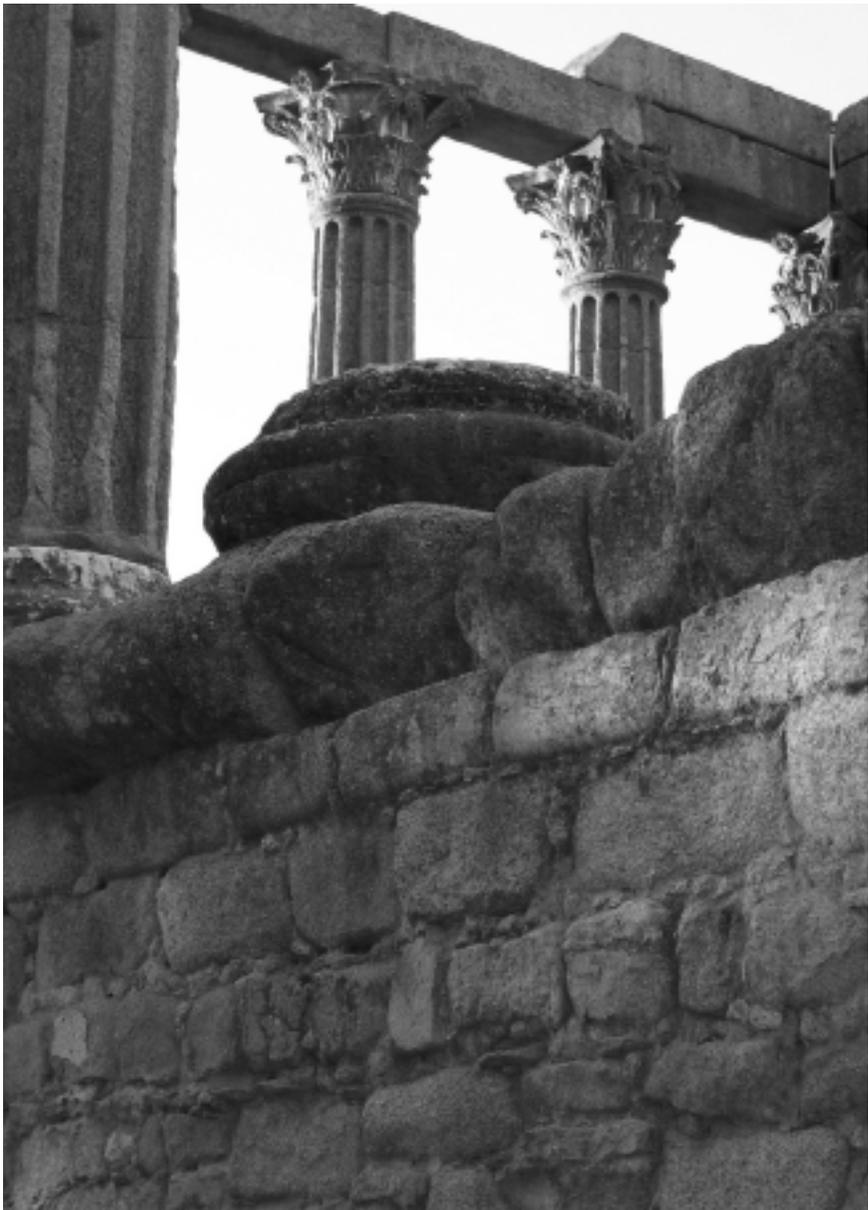
Desde logo, está no ponto geográfico de confluência das três principais áreas hidrográficas do sul: Tejo, Sado e o Guadiana. Do que se restituiu igualmente das antigas e secularmente duradouras estradas romanas, é, não menos, ponto de cruzamento entre vias que atravessavam a província, e tornando comunicantes entre si as várias capitais de *ciuitates*, assinalando-se, por vezes em notável sobreposição com lugares com vestígios materiais pré-históricos, a presença, junto às mesmas estradas, de *uillae*. As áreas envolventes, o *ager*, de vocação agrária, ou, então, dedicadas à extracção de matérias-primas (como em pedreiras antigas), e, não menos importante, onde se realiza a gestão dos recursos de água, são caracterizadas pela ocupação em *uillae*. Regista-se o particular relevo da *uilla* de N<sup>a</sup>. Sra. da Tourega, a dez quilómetros para oeste, junto à antiga via que seguia para Salácia (Alcácer-do-Sal), dotada, precisamente, de um complexo termal. Através de vestígios epigráficos resgatados, sabe-se que alguns elementos da família proprietária desta *uilla* detiveram, a dada altura, cargos governativos na própria cidade<sup>8</sup>.

No centro histórico de Évora, também reconstituídos seja pela orientação que ainda mantém o actual traçado de ruas, seja por testemunho arqueológico, e correspondendo às vias estruturantes de *cardo* e de *decumanus*, os eixos são igualmente vias de saída, tanto uma entrada para a

---

7 Cf. Kwinter 2001.

8 Esta epígrafa foi mais recentemente estudada por José Carlos Caetano (1957-2006), in Caetano 2005, 41-ss.



Templo romano

Face poente. Perspectiva do pódio, estilóbata e alinhamento da colunata no ângulo nordeste. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça

urbe, como modos de comunicação entre o *oppidum* e o seu *ager*. Envolve a urbe uma fortificação. Quanto a esta, no que respeitava às torres, seria de preceito que teriam de ser «*salientes para o lado exterior*» e deviam estar separadas pela distância nunca maior que a do alcance de um dardo; a segurança da sua implantação resultaria tanto mais eficaz quanto as estruturas se viessem a levantar com o apoio em terraplenos (VITRÚVIO, I, V, 2-5).

Apesar de tais indicações vitruvianas se aplicarem ao que se pode descrever das muralhas romanas de *Ebora Liberalitas*, ou *Cerca Velha*, encostadas ao que é o final de declive que vem do Paço de S. Miguel e da zona de plataforma onde estão tanto o templo romano como a Sé gótica, e, ainda, em certos pontos de facto sendo visíveis pontos de terraplano, sabe-se que as mesmas não pertencem decididamente ao tempo de Augusto, enquadrando-se, obviamente, no conjunto de realizações do género que caracterizaram a passagem para a Antiguidade Tardia. Os paralelismos cronológicos aferíveis para a comparação entre fases de intervenção edificatória romana em várias urbes, estão, pois, nas cercas amuralhadas que, nos sécs. III-IV, ocasião de considerável agitação social e de conflituosidade que adveio das invasões por parte de povos estrangeiros ao Império, se vieram a edificar em torno às urbes. Mais uma vez, a situação é a mesma para outras cidades, da Lusitânia, como em todo o Ocidente<sup>9</sup>.

Ainda que a designada *Cerca Velha* subsista em vigorosos troços e demarcação de ruas, mais uma vez o conhecimento do que poderá ter sido a realidade monumental também se perspectiva essencialmente por extrapolação e confronto, sendo que é sabido o modo como, noutros lugares, a implantação de tais amuralhamentos cortou uma certa margem da ocupação urbana anterior, e obrigando, em momentos subsequentes, a uma maior densidade e compactação habitacional nas partes intra-muros. Mas a questão coloca-se no sentido de se saber até onde se estenderia, então, a cidade romana em períodos prévios ao séc. III, sendo que o traçado ainda presente da chamada *Cerca Velha* não deixa de assinalar, na verdade, o início das cotas de elevação que conduzem ao cume eborense.

Emblemático, é o trecho de muralha, virado a norte, que suporta a plataforma, supostamente artificial, mas onde não se efectuaram ainda pros-

---

<sup>9</sup> Ver, para a descrição do traçado da *Cerca Velha*, seus aspectos particulares e presumível cronologia: Alarcão 1988, 159-160; Balesteros e Mira 1994, 6-16.



Templo romano

Face poente. Detalhe da organização edificada do pódio, nos níveis de embasamento com rebordo avançado; aparelho de preenchimento central e estilóbata, com assento de bases. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça

peçções, onde assenta o templo romano. Trata-se de um lanço contínuo com cerca de três metros e meio de altura e quinze de comprimento, de notável aparelho em *opus quadratum*. A sua articulação fazia-se com a próxima Torre das Cinco Quinas, parte do actual Palácio Cadaval, a nascente, e, na direcção poente, prolongar-se-ia até ao Arco de Dona Isabel, também identificado como trabalho da concepção romana, sendo de amplitude circular, composta de blocos e aduelas, no intradorso do referido arco, que asseguram um largo acesso na via de *cardo maximus*; daí prosseguiria a muralha, para ocidente, ligando-se à Torre conhecida como do Salvador, tendo aí estado o Convento com o mesmo nome. Toda esta parte foi, no entanto, derrubada e reocupada com outros edifícios, tendo-se rasgado igualmente ruas, mantendo-se, todavia, o contorno exterior no desenho de actuais vias de circulação<sup>10</sup>.

Infectindo depois para sul, a Cerca Velha carece de vestígio exacto ao longo da Praça do Sertório, ressurgindo de novo à designada Torre de Sisebuto, baptizada com o nome de um soberano visigótico, e prossegue pela Rua da Alcárcova de Cima, a meio da qual se situam as traseiras da Casa de Burgos, outro palácio de fundação medieval, que integrou assim alguma extensão de muralha. É nesse ponto que, não apenas, vemos a reutilização de materiais, caso de fustes marmóreos de colunas antigas em firme contraste com o *opus quadratum*, como, também, encontramos os restos de casas urbanas romanas a servirem de alicerce à muralha, com pinturas murais decorativas. O espaço de recesso entre torres e torreões foi também ocupado por prédios recentes<sup>11</sup>.

Se bem que, em determinados pontos da muralha, se reconheça claramente a engenharia romana, do afeiçoamento dos blocos às marcas de gancho e ao ritmo regular com que, ao longo da disposição dos paramentos, se vieram a erguer as torres de vigia em pontuais avanços pronunciados sobre o alinhamento da fortificação, o certo é que, tal como sucedeu com quarteirões e casas do centro histórico de Évora no interior da Cerca Velha, também aqui houve claras intervenções posteriores, de fases visigóticas e islamo-árabes a tempos já medievais, em que, de resto, se fundaria também, no séc. XIV, a chamada *Cerca Nova*, que ampliou consideravelmente o espaço urbano, sendo a reconstrução portanto deveras recorrente.

---

10 Ver, para a consideração da parte de muralha, contígua à actual Rua do Menino Jesus, entre a plataforma adjacente à base do Templo e a Torre de Salvador: Alarcão 1988, 159; Balesteros e Mira 1994, 8-9.

11 Cf. Balesteros e Mira 1994, 12.



Torre «das Cinco Quinas» (Cruzamento da Rua Augusto Filipe Simões com a Rua do Menino Jesus).  
Aspecto do perfil esquinado, de traço poligonal. Atrás, está o Paço dos Duques de Cadaval e a zona do chamado «Castelo Velho». © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça



Pano da antiga muralha (Rua do Menino Jesus). Aspecto do aparelho regular (*opus quadratum*), em alinhamento com a «Torre das Cinco Quinas», estruturante da plataforma de alicerce do Templo romano eborense e sobre o possível limite do *forum*.  
© Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça



Porta romana, de duplo arco (Rua de D. Isabel, outrora Largo). Perspectiva desde o lado anterior, com vestígios construtivos diversos mas mantendo o possível desenho de origem, e indicando a via de *cardo* na direcção norte. Contíguo ao antigo Convento do Salvador. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça



Torre de Sisebuto (Rua Nova, esquina com a Rua da Alcárcova de Cima)

Outra das emblemáticas torres ligadas à cintura da *Cerca Velha* eborense, diante da Caixa de Água do séc. XVI. Tratar-se-á a Torre, no entanto, de uma reconstrução já posterior, dado o tipo de aparelho de pedra identificável no seu sentido superior.

© Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça



Embasamento da Torre de Sisebuto (Rua Nova, esquina com a Rua da Alcárcova de Cima).

Surge aqui um tipo de emparelhamento de fase antiga, porém diferenciando-se do modelo de blocos do tradicional *opus quadratum* romano, que se tem interpretado no sentido de aproximação a técnicas helenísticas e bizantinas. Adiante, na mesma rua, mantém-se o vestígio visível de um torreão, a delimitar a parede do actual Palácio de Burgos, onde se resgatou igualmente o espaço de *domus*. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça

A par, assim, de alguns panos de amuralhamento, várias dessas torres continuam de pé, embora integradas em edificações posteriores. Reconhece-se o trabalho romano, da base até a meia-altura, nas partes em que são bem visíveis os sinais do tipo de aparelho de pedra aplicado, aqui o granítico (em *saxum quadratum*, o mesmo que *opus quadratum*), sendo que era o evidente recurso material mais abundante no território eborense, como pelo Alentejo, também usado nos fustes das colunas do templo. De igual forma, os embasamentos, dos pontos onde a Cerca Velha ainda se pode observar em modos de arranque, caracterizam-se pelo avanço em relação à linha do pano de muralha que aí se apoia; e quanto aos «fundamentos», indicava Vitruvius, «com uma espessura mais larga do que a das paredes que ficarão acima da terra», devia-se enchê-los de concreto, para uma boa consistência (VITRÚVIO, I, V, I).

Assinala-se uma diferença. Nos inícios do Império, e conforme o afirma explicitamente o tratado vitruviano, as torres deveriam ser redondas ou poligonais. Em Évora, a Cerca Velha exhibe, ao invés, sucessivamente, torres de base quadrada, o que, no entanto, não deixa de ser um aspecto da arte das fortificações da Antiguidade Tardia – e, em sequência, da arte das fortificações medievais –, muito embora haja duas torres, a já citada Torre das Cinco Quinas e a Torre sul da Rua Cinco de Outubro, que conservam perfil esquinado.

Em termos gerais, sendo pela adequação aos relevos, seja pela própria veneração quanto aos elementos, a arte e a técnica dos Romanos prestavam-se ao culto da Natureza, bem como tomavam como norma o que vinha do conhecimento do universo. Daí, para já, a adequação das ruas e das construções à incidência da luz natural e da distribuição dos ventos. A natureza também irrompia noutros vestígios. O templo eborense estava, precisamente, rodeado por um tanque de água, identificado já no séc. XIX, mas melhor conhecido somente em recentes campanhas arqueológicas, dirigidas por Theodor Hauschild; o tanque envolvia três lados do pódio, com uma largura de cinco metros, ficando somente livre a sul a zona de acesso, por escadaria, à plataforma do *temenos*<sup>12</sup>.

A fundação do fórum eborense terá decorrido na época de Augusto, à semelhança, de resto, do que se conhece para restantes *ciuitates* do território

---

12 Além de diversos trabalhos de Theodor Hauschild, que apresentaram dados do estudo e intervenção no Templo desde a década de 1980, destaque-se, como recapitulação mais recente: Hauschild 2005, 21-22.

lusitânico. O exemplo mais referente será o fórum de Conímbriga, para o qual se identificaram duas fases principais de edificação: a inicial em torno ao séc. I; a seguinte para o séc. II d.C., em que houve um rearranjo monumental. Também as cronologias apuradas para a intervenção no fórum de *Pax Iulia* (Beja) vêm coincidir nestas mesmas duas grandes fases, em torno ao séc. I e, a outra, em torno ao séc. II d.C., tendo o sítio do seu templo sido identificado por Abel Viana, em trabalhos da década de 1940, mas mais não restando senão o vestígio residual de uma plataforma<sup>13</sup>.

No momento de fundação augústea de Conímbriga, o seu fórum comportava, em incontornável domínio do espaço, um templo, a norte, na orientação convencional, o qual, na sua reconstituição segundo Jorge de Alarcão e Robert Etienne, teria o, também convencional, esquema de *peripteron*, santuário urbano rodeado de colunata, sobre pódio; aqui era um edifício tetrástilo, com um total de vinte colunas que, embora também de classe coríntia, acabariam por ser em inferior número ao do templo de *Ebora*, este *peripteron* hexástilo, conservando catorze colunas *in situ* e vestígio de mais doze bases.

O templo eborense constitui-se, na verdade, como ressalva no quadro de vestígios da edificação romana, sendo, não apenas localmente como por toda a antiga província, dos únicos casos em que foi possível encontrar um templo romano que se manteve ainda presente no seu respectivo sistema de apoio e lançamento<sup>14</sup>. Tradicionalmente descrito como dedicado a *Diana*, desde autores portugueses dos sécs. XVI-XVII, não se comprovaria porém tal consagração, antes reservando-se a interpretação como sendo a de um santuário para culto imperial, o que a presença do tanque corroborará, pelo seu simbolismo de omnipresença, tanto quanto evocava a disseminação de vários cultos aquáticos na Lusitânia.

Nas duas fases do fórum de Conímbriga, não menos em diferença com o que se sugere para *Ebora*, o espaço de esplanada diante do templo estava ladeado das seguintes estruturas: basílica, na primeira fase; um duplo pórtico aberto, para o séc. II. É provável, no entanto, que no fórum eborense também estivessem edificações similares: diversos achados escultóricos do lugar, em

---

13 Cf. Lopes 2005, 12-13; e, também, Alarcão 1986, 80-81.

14 Alarcão 1986, 89-90; Hauschild 2005, 21-22; Maciel 1995, 82-83.

estado, contudo, fragmentário, reflectem sentidos de decoração pública, tal como era usual colocar-se em zonas porticadas<sup>15</sup>.

Num caso como outro, a transformação decorrente deste arranjo, coincidente com o período Flávio, indicou, conforme se fez já notar em estudos interpretativos, consagrou o fórum como um *temenos* urbano, ou seja, em substituição de anteriores funções civis, um santuário aberto em pleno fórum, na solenidade central que se exigia naquele austeramente majestoso lugar<sup>16</sup>. O tanque, resguardando um espelho de água, ofereceria ao divino a dádiva da homenagem ao belo da criação maravilhosa da natureza, que era perfeição e ordem, ou *kosmos*. Assim se tornava a água intrinsecamente parte da própria vida urbana, elemento que unia o humano ao natural e ao sagrado, da mesma forma que o Imperador estava entre o humano e o divino; a água simbolizaria essa relação suprema.

O limite do fórum, diante do qual o templo se expunha em solenidade, vinha determinar o lançamento do *cardo* e do *decumanus maximus*. Ruas abaixo, a seguir à Sé, para sul, à Rua de S. Manços e próximo, na verdade, à saída para as Portas de Moura, onde está outra das torres da Cerca Velha, conservou-se um quarteirão de perímetro redondo, o qual se crê ser a linha do antigo teatro. A referida rua guardou o sentido redondo que é, na verdade, o de uma *cavea*, ou parede exterior, e o alinhamento deste presumível vestígio de antigo edifício, com sentido do limite oeste do fórum, parece enfim confirmar esta plausibilidade. O edifício, do mesmo modo, estaria também orientado com o *cardo maximus*, que, da saída das Portas de Moura, se prolongava na via para *Pax Iulia*<sup>17</sup>.

Descendo o centro histórico para poente, e tentando-se aferir o sentido da distribuição de antigas ruas, encontrar-se-á, na Rua da Alcárcova de Cima, a *domus* do séc. I, que foi cortada pela extensão ainda intacta de amuralhamento, também já descrita, de períodos posteriores. Teria um átrio com peristilo, e

---

15 Á coleção reunida por D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, na sequência de explorações na diocese de Beja entre os anos de 1770-1780, e com que se fundou igualmente o Museu de Évora, adicionaram-se recentes achados, mostrados entretanto em Exposição própria, co-organizada com o Museu Nacional de Arte Romano de Mérida. Cf. Nogales Basarrate e Gonçalves 2005, 33-ss; Caetano, Joaquim Oliveira: Os Restos da Humanidade. Cenáculo e a arqueologia, in Aavv 2005, 49-56; Patrocínio 2006b, 17-36.

16 Para uma síntese sobre esta segunda fase do *fórum* de Conímbriga, ver: Alarcão 1986, 80-81 e 84-86; Maciel 1995, 81.

17 Alarcão 1986, 95.



Pano de muralha (Rua da Alcárcova de Cima, interior do Restaurante «O Grémio»).

Exemplo de *opus quadratum*, com integração em construções posteriores, num troço da Cerca Velha que, apesar da reocupação, também conhece outros vestígios ao longo da Rua da Alcárcova de Cima e Rua de Burgos, paralelas, na subsistência de antiga via urbana. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça



Torre sul, ou «Torre do Anjo» (Rua Cinco de Outubro, nas esquinas com a Rua da Alcárcova de Cima e Rua da Alcárcova de Baixo).

De duas torres originais, restou apenas a torre sul, de que se observa o respectivo arranque, em mescla de técnicas de aparelho construtivo. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça



Remate da Torre sul, ou «Torre do Anjo» (Rua Cinco de Outubro, na esquina com a Rua da Alcárcova de Baixo). De novo, a sugestiva forma poligonal a sobressair entre os prédios envolventes mas mostrando igualmente um tipo de aparelho de pedra que dificilmente se pode considerar ainda antigo. © Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça

recuperaram-se vestígios de decoração pictórica, em painéis de moldura regular quadrada sobre áreas de *exedrae* e de *cubicula*. A muralha assenta sobre as suas paredes derrubadas, tendo-se confirmado recentemente que a *domus* estava contígua a uma via de *cardo*, entretanto, debaixo do actual Palácio da Rua de Burgos. Perto, surgiram igualmente as termas da cidade, em prédio igualmente contíguo a outro troço, paralelo, de *cardo*, que sai pela porta do Arco de Dona Isabel, ou seja configurando a porta norte da Cerca Velha.

A orientação das termas é de norte-sul e conhecem-se cerca de duzentos e cinquenta metros quadrados de área, sob a qual acabou por se rasgar a Praça de Sertório, além de dois conventos desaparecidos, o Convento do Salvador e o de S. Paulo. Estão identificadas as áreas do *laconicum* circular; um tanque com cinco metros de diâmetro e rodeado de quatro *apsides*; de *hypocaustum*, bem como de *praefurnium* e de *natatio*. Identificaram-se também



Perfil da Rua da Alcárçova de Baixo. Desaparecendo aqui os vestígios descobertos da *Cerca Velha*, os limites da mesma, porém, restituem-se no próprio traçado visível das ruas circundantes ao núcleo de fundação romana. Neste ponto da cidade, a topografia configura um declive acentuado com reflexos na edificação posterior, e ao qual se encostam, em anteparo, os prédios desta rua, que termina, a sul, onde teria estado outra torre (diante à parede da Igreja de S. Vicente, ao fundo).

© Fotografia do autor e de Cecílio Mendonça

alguns elementos materiais e técnicos, com destaque para característicos *opera* de consolidação e revestimento de superfícies (*opus incertum* e alvenaria na parede do tanque do *laconicum*; *opus signinum* em sucessivos pavimentos), e para a *cloaca* de pedra que assegurava o escoamento do mesmo tanque.

Escavou-se e musealizou-se o *laconicum*, sendo que o desenho do tanque acabou por definir, ao correr do tempo, uma sala de paredes com perfil octogonal, presente na planta do Palácio, também medieval, dos Condes de Sortelha. Parcialmente derrubado no séc. XIX para se edificarem os actuais Paços do Concelho segundo um esquema de época, que, entre o gosto pelo eclectismo das formas exteriores como nos elementos da arquitectura do ferro a interior, acabaram por manter a referida sala<sup>18</sup>.

Tanto a indicada *domus*, como o que constituíam as termas públicas da cidade eborense estão, desta forma, junto a duas ruas paralelas quanto ao sentido do *cardo maximus*; todos estes vestígios foram resgatados em edifícios em que, presentemente, estão instalados serviços públicos. E, na verdade, estes momentos de uma edificação antiga romana são, não apenas, o que melhor resta de uma primeira fundação de *Ebora Liberalitas lulia*, como sinais de uma extensão de centro urbano que, na Antiguidade Tardia, e com a implantação das muralhas, veio a ficar reduzido.

Com efeito, o templo, como o presumível teatro da Rua de S. Manços, a *domus* do séc. I e as termas públicas, vieram a situar-se, ou a escassos metros da cerca, ou junto da mesma. A questão coloca-se em saber qual a área da urbe que adveio da fundação augústea; ou, não menos, em saber-se se teria existido uma primeira cerca romana antes – e que primeiro perímetro teria então conhecido *Ebora Liberalitas*<sup>19</sup>. Descreve Vitruvius que, para se conceber as cidades, se deveria escolher um ponto central do recinto, para, desde esse sítio, a partir de um círculo que se desenhava em redor, e a uma determinada hora, se medir quer a incidência da luz e da sombra, quer a direcção dos ventos; assim mesmo se prefiguraria o desenho das ruas, na sua distribuição linear entre sentidos de *cardo* e de *decumanus* (VITRÚVIO, I, VI, 6-8).

---

18 Ver Sarantopoulos 2005, 26-28.

19 Era tradição que tenha havido uma eventual fortificação ainda em período do desavindo General Sertório, sem que, porém, se viesse ressaltar qualquer fundamentação arqueológica de tal facto. Cf. Balesteros e Mira 1994, 8.

A principal herança da fundação augústea está, de facto, na própria configuração que se lançou desde este esquecido gesto inicial que algum arquitecto executou, algures no tempo. Dos vários percursos possíveis, sobrepostos, todos a este ponto inicial, talvez assinalado pela centralidade do templo, que determina a orientação das ruas e das próprias vias rumo à envolvência da cidade. A urbe era como o coração de um território, sendo tal assinalado pelo seu amuralhamento, pois a fortaleza da cidade era simultaneamente física e espiritual, funcionando a cidade funcionava como um corpo, concebendo-se como um corpo.

A edificação, segundo os pressupostos clássicos, tinha de se propor materialmente em harmonia, com todas as suas partes, tal como sucedia com as partes do corpo humano – base da teoria das proporções, que trazia em si o equilíbrio. Desta forma, as cidades, enquanto espaços de posteridade assinalada pela monumentalidade, eram um cenário programático dotado de uma linguagem erudita e simbólica, na expressão exímia do que mais elevado era assim capaz o trabalho do Homem, no sentido de *arquitectura* como *momento*, ou na qualidade de *evento*.

## BIBLIOGRAFIA

### Referências e fontes teóricas e críticas

- CHOAY, Françoise 1999. *L'allégorie du patrimoine*. Paris : Éditions du Seuil (3ª ed).
- HASKELL, Francis 1993. *History and its Images. Art and the interpretation of the past*. Yale: Yale University Press.
- KWINTER, Sanford 2001. *Architectures of Time. Toward a Theory of Event in Modernist Culture*. Cambridge, Mass.-Londres: The MIT Press.
- VITRÚVIO, 2006. *Tratado de Arquitectura (Trad., introd. e notas de Manuel Justino Maciel)*. Lisboa: IST Press.

## Outras referências

- Aavv 2007. *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Vol. 26: «Centro Histórico de Évora». Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- Aavv 2005. *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus - Museu de Évora.
- ALARCÃO, Jorge 2005. *As ciuitates da Lusitânia. Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus – Museu de Évora, 7-9.
- ALARCÃO, Jorge 1988. *Roman Portugal*. Vol. II, Fasc. 3: «Évora, Faro & Lagos» Warminster: Aris and Phillips, Ltd.
- ALARCÃO, Jorge 1986. *Arquitectura romana, História da Arte em Portugal*. Vol. I: Do Paleolítico à arte visigótica. Lisboa: Publicações Alfa, 75-109.
- BALESTEROS, Cármen e Mira, Élia 1994. *As Muralhas de Évora. A Cidade – Jornadas Interdisciplinares. Actas*. Vol. I. Lisboa: Universidade Aberta, Separata.
- CAETANO, José Carlos 2005. *A sociedade de Liberalitas Iulia Eborae através da epigrafia. Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus - Museu de Évora, 41-47.
- ESPANCA, Túlio 1966. *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- HAUSCHILD, Theodor 2005. *O templo romano de Eborae. Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus - Museu de Évora, 21-22.
- LOPES, Maria Conceição 2005. *A ciuitas de Pax Iulia. Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus - Museu de Évora, 11-19.
- MACIEL, Manuel Justino 1995. *A arte da Época Clássica (séculos II a.C. – II d.C.)*. *História da Arte Portuguesa (Dir. Paulo Pereira)*. Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 79-101.
- NOGALES Basarrate, Trinidad e Gonçalves, Luís Jorge 2005. *Imagens e Mensagens. As esculturas do Museu de Évora como testemunho da Romanização. Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus - Museu de Évora, 33-39.
- PATROCÍNIO, Manuel FS. 2006a. *Um país afortunado: descrições do Sul em fontes anteriores ao período romano. Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Vol. 24: «Faro, de vila a cidade». Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 6-11.

- PATROCÍNIO, Manuel F.S. 2006b. O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo. *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*. Ano IV, Nº 4. Faro: Universidade do Algarve, 17-36.
- PATROCÍNIO, Manuel F.S. 2000. O relato de viagem de Pérez Bayer (1782) e uma descrição setecentista de Évora. *A Cidade de Évora*. II Série, Vol. IV. Évora: Câmara Municipal de Évora, 265-271.
- SARANTOPOULOS, Panagiotis 2005. Percursos em *Ebora Liberalitas Iulia. Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora [Catálogo]*. Évora: Instituto Português de Museus - Museu de Évora, 23-31.
- VASCONCELOS, José Leite 1920. Viagem de Pérez Bayer em Portugal em 1782. *O Archeologo Portuguez*. I Série, Vol. XXIV. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 108-176.